

**MEIO AMBIENTE, RELIGIÃO E ALTERIDADE: BREVE ANÁLISE, POR ENTRE
A ÓTICA MIDIÁTICA, DO CONTEXTO SOCIAL NO PÓS-ROMPIMENTO DA
BARRAGEM EM BRUMADINHO – MG**

ENVIRONMENT, RELIGION AND ALTERITY: a brief analysis, through the media
perspective, of the social context in the after the dam rupture in Brumadinho - MG

Antonio Michel de Jesus de Oliveira Miranda¹

Ariel Miranda Silva²

Jackson Gomes de Rezende³

Resumo: Este ensaio se debruça sobre a “lama” do fatídico rompimento da barragem em Brumadinho - MG, propondo a compreender o papel das igrejas cristãs atuantes na região do pós-rompimento, diante das emergentes questões ambientais e sociais, suscitadas em mídia nacional, a fim de responder inquietudes como se as igrejas podem atuar no além assistencialismo, lhes imprimindo um caráter também de instituição promotora de uma política de sustentabilidade ambiental e emancipação social. Por meio de uma pesquisa bibliográfica, corroborados por autores como Berríos (2007), Lucio Gera (2002), Nietzsche, Vattimo (2014), dentre outros e documentos como a Bíblia Sagrada, bem como a Declaração Universal dos Direitos Humanos, compreendemos que compete à Igreja cristã, além da implantação da fé, a promoção humana e desvelo social.

Palavras-chave: Brumadinho – MG; Igrejas; Sustentabilidade ambiental. Mídia nacional.

Abstract: This essay focuses on the "mud" of the fateful rupture of the dam in Brumadinho - MG, proposing to understand the role of Christian churches in the after the dam rupture, in the face of emerging environmental and social issues raised in national media, and order to answer questions as to whether the churches can act in the beyond welfare, imparting them a character also of institution promoting a policy of environmental sustainability and social emancipation. Through a bibliographical research, corroborated by authors as Berríos (2007), Lucio Gera (2002), Nietzsche, Vattimo (2014), among others and documents such as the Holy Bible, as well as the Universal Declaration of Human Rights, we understand that it is up to the Christian Church, besides the implantation of faith, to promote human and social welfare.

Keywords: Brumadinho – MG; Churches; Environmental sustainability. National media.

1 Introdução

¹ Mestrando em Ciências das Religiões – FUV – ES. Professor Bolsista – NEAD/UESPI; Ed. Básica – SEMED – Tutoia - MA; SEMED – Buriti dos Lopes-PI. educadormichel@gmail.com

² Mestrando em Ciências das Religiões Religiões – FUV – ES. Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Especialista em Sociologia. ariel.miranda01@gmail.com.

³ Mestrando em Ciências das Religiões Religiões – FUV – ES. Professor Educação Física IFF - Instituto Federal Fluminense. jacksoncalcado@bol.com.br

Tragédias envolvendo o mau manuseio do meio ambiente no Brasil não são raras de acontecer. Pouparemos instigar as minúcias das inúmeras vezes que a imprensa nacional coleciona por manchetes de acidentes oriundos de rompimentos de barragens, deixando rastros de destruição e morte, como em 2009, a de Algodões em Cocal – PI, e em 2015, a de Fundão, conhecida como a tragédia de Mariana em Minas Gerais.

Deteremos-nos sobre o fatídico rompimento da barragem de Brumadinho – MG, ocorrido dia 25 de janeiro de 2019, resultando em um dos desastres de maior proporção nacional com rejeitos de mineração. Tentaremos trazer em nossos escritos, a partir de uma pesquisa de cunho bibliográfico, breves reflexões entorno do possível atual cenário social de Brumadinho, veiculado pela imprensa nacional, vivenciado por questões ambientais e também a partir da intervenção de instituições religiosas cristãs em lhes dá assistência e com isso, tentam lhes amenizar a dores causadas pelo acidente.

No entanto, há uma incógnita que nos deixa inquietos: nessa realidade, as Igrejas podem atuar no além assistencialismo, lhes imprimindo um caráter também de instituição promotora de uma política de sustentabilidade ambiental e emancipação social? Assim, projetamos compreender o papel das igrejas cristãs, diante das emergentes questões ambientais e sociais, atuantes na região do pós-rompimento da barragem em Brumadinho – MG. Para tanto, procuramos conhecer, a partir da imprensa nacional, as ações dos movimentos religiosos cristãos que atuam naquela região, evocando aportes teóricos que fundamentem uma Igreja político-social e sustentável e, a partir de então, conferir o cenário social em Brumadinho pós-rompimento, pela ótica midiática.

2 Por um transcender político-social e sustentável

Seria possível abstrair questões do campo religioso e ambiental numa só centelha? Há nas escrituras sagradas cristãs algo que se remeta ao exposto de forma direta ou interpretativa? Não nos convém discriminarmos na Bíblia, todos os textos que possivelmente respondam a estas indagações. Mas vejamos, em Gênesis, já no início, é mencionado desde o primeiro dia, tudo o que Deus fez, como os céus, e sob ele, as aves. As águas, as populou de seres vivos. A luz do dia, a noite. A terra, também populada de animais e que dela foram produzidas plantas frutíferas e ervas. “E Deus viu que tudo isso era bom” (Gênesis, 1:12). Ainda no mesmo capítulo, é dito que Deus fez o homem e a mulher e lhes deu poder para o domínio sobre tudo o que havia feito.

Eis que eu vos dou toda a erva que dá semente sobre a terra, e todas as árvores frutíferas que contêm em si mesmas a sua semente, para que vos sirvam de alimento.

E a todos os animais da terra, a todas as aves dos céus, a tudo o que se arrasta sobre a terra, e em que haja sopro de vida, eu dou toda a erva verde por alimento (BÍBLIA, Gênesis 1:29-30).

Mais adiante, ainda no mesmo livro, “[...] O Senhor Deus tomou o homem e colocou-o no jardim do Éden para cultivá-lo e **guardá-lo**. [...]” (Bíblia, Gênesis, 2:15, grifo nosso). É perceptível, já no primeiro livro da Bíblia, que há menções que estão diretamente ligadas ao meio ambiente, ao zelo, juízo de valor, quando Deus viu que tudo o que havia criado era bom e a preocupação divina com ele ao deixá-lo a cargo do homem e da mulher, seus cuidados.

Na epígrafe acima, ainda ao dizer “para que vos sirvam de alimento”, Deus menciona um domínio sobre a natureza para fins de subsistência, enquanto satisfação das necessidades básicas. No entanto, bem sabemos que quando há a noção de lucratividade, do consumo desenfreado de matérias primas, próprio de sociedades capitalistas, o meio ambiente tende a padecer.

Nessa injusta ordenação estratificada, contraditória, perversa e consumista de parte significativa da atual sociedade e economia capitalistas, que fomenta o consumo sem medidas de bens e serviços como condição para reproduzir-se, é possível reconhecer, de forma bastante abrangente e ainda provisória na problemática ambiental dois principais conjuntos de contradições: o esgotamento e a deterioração da disponibilidade de recursos naturais [...] e o aumento exponencial e sem limite do consumo de matérias e energia transformados em mercadorias [...] (BERRÍOS, *apud* CORTEZ; *et al.* 2007, p. 87).

Se partirmos dos dois conjuntos contraditórios que Berríos menciona, onde se esgota os recursos e aumenta o consumo desenfreado, nossa sociedade entra ou entrará em colapso e, segundo ele, não apenas o sistema capitalista se autodestruirá, mas também a humanidade.

Partindo do princípio de que todos têm direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal, conforme a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948), convém nos debruçar sobre qual a função social da Igreja, qual sua missão perante as mazelas que podem pôr em risco o direito à vida. Vale ressaltar que seja qual for a parcela adicionada na resultante de catástrofes e acidentes ambientais, uma vez que a humanidade está em risco, seu direito à vida assim também o está.

A missão da Igreja é a implantação da fé no mundo mediante a proclamação do Evangelho e a promoção do homem no âmbito dos valores temporais. Desse modo, ao cumprir sua tarefa de implantar a fé, a Igreja promove os valores temporais e, ao fazer o segundo, realiza-o em vista da fé (GERA, *apud* CAMPOS, 2002, p. 66)

Pela fé, a Igreja deve também primar pela promoção humana. E no que diz respeito às questões ambientais, não é diferente. Uma vez que o homem não é um ser abstrato, ele é alicerçado por todo o contexto social que o circunda e lhe constrói. Este pensamento e o de logo mais à frente, nos corrobora o Papa Paulo VI:

[...] como se poderia, realmente, proclamar o mandamento novo sem promover na justiça e na paz o verdadeiro e o autêntico progresso do homem? Nós próprios tivemos o cuidado de salientar isto mesmo, ao recordar que é impossível aceitar "que a obra da evangelização possa ou deva negligenciar os problemas extremamente graves, agitados sobremaneira hoje em dia, no que se refere à justiça, à libertação, ao desenvolvimento e à paz no mundo. Se isso porventura acontecesse, seria ignorar a doutrina do Evangelho sobre o amor para com o próximo que sofre ou se encontra em necessidade" (EVANGELII NUNTIANDI. n. 31. 1975, n.p).

Justiça, libertação, paz e desenvolvimento, palavras evocadas na exortação apostólica, conferindo um caráter à Igreja de responsabilidade, um caráter de poder que literalmente transcende os muros dos templos, sendo capaz de desvelar inúmeras graves problemáticas que colocam em risco o bem-estar social e por que não dizer também o bem-estar ambiental. Lembremo-nos de que Deus viu que tudo o que Ele havia criado era bom. Lembremo-nos ainda das inúmeras parábolas usadas com sementes, terra, plantio, colheitas, em explicações de muitas verdades, de muitos desvelamentos.

A exortação supracitada também confere uma compleição no sentido de emancipação. A sustentabilidade tão em voga, quando apreendida verdadeiramente, também confere um caráter de emancipação social, uma vez que é desvelada toda a ideologia que fomenta as atuais relações capitalistas que embriagam nossa contemporaneidade em nome de quebras de fronteiras, de unificação de mercados e de uma pseudo responsabilidade socioambiental.

A revolução permanente e caótica das forças produtivas, sob a regência do capitalismo, reclama novo e profundo equacionamento dimensional e qualitativo da produção e do consumo em escala global. Eis porque as lutas políticas e sociais pelo equilíbrio e sustentabilidade ambientais devem levar também, se conscientes e criticamente travadas, a uma persistente luta pela reorganização geral do trabalho e da propriedade dos bens produtivos, visando em última instância à emancipação social de toda a humanidade. Enfim, a luta consciente pelo meio ambiente sustentável e sadio pressupõe necessariamente a luta política e social pela transformação da sociedade [...] (ALVES, *apud* JR; *et al.* 2016, n.p).

Nossa sociedade necessita de uma teologia libertadora, necessita de uma Igreja emancipadora, uma que lute junto com seus leigos por dias melhores, pela quebra de paradigmas em todas as instâncias sociais, quer seja em cenários de desastres causados por um mau manuseio do meio ambiente, onde deste, podem ser reveladas inúmeras verdades, injustiças.

“A Igreja não pode se intimidar na sua palavra profética diante de organizações criminosas, de empresas multinacionais que absorveram todo poder do nosso povo, que são hegemônicas e ligadas a um capital voraz como as mineradoras. Não podemos nos calar, precisamos usar nossa voz profética e exigir mudanças imediatas contra essa mineração que está massacrando a nossa gente” (GONZAGA, 2019, A12, Caderno Igreja, n.p).

A Igreja deve libertar, deve quebrar as algemas, desatar as amarras. As palavras supracitadas, do Bispo Católico Dom Vicente Ferreira, sobre a empresa responsável pelo

cenário de horror vivenciado em Brumadinho, corroboram deste patamar emancipatório das Igrejas. Esta é a práxis de uma Igreja libertadora: sendo possível uma Igreja autorreflexiva, que transcenda também de forma político-social e ambiental ao percebe-se como formadora de uma consciência sociopolítica e do valor do seu posicionamento na sociedade atual. Libanio (1987).

3 Alteridade e igreja: uma mão por sobre a “lama”

No ano de 2018, de uma forma nunca vista antes, assistimos atônitos às campanhas políticas e os embates travados entre os partidos e seus simpatizantes. Nas redes sociais brasileiras, a todo instante era possível ver inúmeras discussões entre amigos, familiares e até desconhecidos que em nome daquilo que acreditavam e defendiam, eram capazes de ultrapassar os limites da liberdade de expressão e ofenderem uns aos outros. O outro, não fazia diferença alguma. O que importava era aquele que defendesse seu ponto de vista, custe o que custar, doa a quem doer, magoe a quem magoar.

Bem inicia o ano de 2019 e Brumadinho, começa a viver um pesadelo. Com o rompimento da barragem pertencente a Vale (mineradora multinacional brasileira), no dia 25 de janeiro de 2019, deixando um cenário catastrófico. As ondas em forma de lama saíram destruindo tudo e a todos, deixando inúmeros mortos, entre pessoas, animais e plantas e tantos outros desabrigados e em situação de vulnerabilidade.

Uma barragem da mineradora Vale rompeu no início da tarde desta sexta-feira em Brumadinho, cidade da região metropolitana de Belo Horizonte, em Minas Gerais, causando uma avalanche de lama e rejeitos de minério de ferro que soterrou parte da comunidade da Vila Ferteco, área rural do município. Segundo a Vale, ao menos 300 funcionários atuavam no local no momento quando ocorreu o rompimento da barragem na Mina Feijão, que estava desativada desde 2015. O Corpo de Bombeiros e a Defesa Civil do Estado trabalham na busca e resgate de feridos e fala em mais de 200 desaparecidos, mas até o início da noite não havia confirmado o número de vítimas nem se há mortos no local. O novo desastre ambiental com uma barragem da mineradora Vale ocorre pouco mais de três anos após a tragédia de Mariana (MENDONÇA; NOVAES, 2019, El País, Caderno Brasil, n.p).

Um Brasil que vivia uma exacerbada situação de ofensas mútuas e desprezo da figura do outro, passa a adotar um papel sentimentalista. Nos noticiários e nas redes sociais, as pessoas passaram a assistir com um olhar penoso e um aperto caridoso no peito, as dores de tantas famílias mineiras vítimas do desastre, mas agora, com orgulho na pessoa do outro, antes sujeito simples, de escolhas partidárias e ideológicas tórpidas, e, com sua coragem, um herói que destemidamente vai em busca do encontro de sobreviventes. Agora, pessoas de

todas as crenças, etnias, ideologias partidárias, dariam as mãos umas às outras e passariam a enxergar e respeitar o outro e sua dor, pelo menos naquele momento.

[...] Houve também um grupo de mulheres que passava de velório em velório, preparando café, água e algo de comer para as famílias enlutadas e, sobretudo, levando um abraço, ajudando as pessoas a se sentirem acompanhadas no momento de seu maior sofrimento. Tudo isso com o apoio financeiro de coletas de solidariedade das igrejas (GIESE, 2019, Conic, Caderno Notícias, n.p).

Mas como explicar esta mudança comportamental do brasileiro? Como definir este sentimento e olhar pelo outro? Para tentar tal compreensão, acreditamos ser preciso nos debruçar, nem que seja brevemente, sobre o campo da psicologia, da filosofia e dos fenômenos da fé. Tarefa um tanto difícil, uma vez que há inúmeros registros, em partes dos campos evocados, que tendem a secundarizar a religião e sua validade.

A religião, para a psicologia, seria uma forma sistemática de controle comportamental. Não há como falar em comportamento e não citar o behaviorismo. Skinner chegou a descrever que quando as ilusões que impõem medo e que são elas que alimentam a religião forem acalmadas neste mundo, daí então, não se precisará mais de religião. A humanidade não verá mais sentido e interesse na fé, Vergote *apud* Vergote; *et al* (2001).

Seria a ideia da morte de Deus, que dentre outros, foi proposta pelo filósofo Nietzsche? Não nos aprofundamos nas bases ideológicas de Skinner para tal afirmação. Mas, certamente possa haver algum elo entre estes dois pensamentos. Nietzsche, com sua afirmação da morte divinal, enobrece a razão por sobre a fé. Gianni Vattimo⁴ por uma interpretação de Bonatti, se vale desta noção nietzschiana e reafirma, a partir do “niilismo” (Cabral, 2014), em meio ao pluralismo supostamente pós-moderno, o fortalecimento do discernir ideais próprios da hierofania.

A morte de Deus é algo desejável, assim como a ascensão do niilismo, tais fatores complementares ou que expressam a mesma ideia são o que possibilitam a empatia, a caridade, a solidariedade e a compreensão com o diferente. Lembrando que morre o Deus moral, mas não necessariamente Deus. Com a morte de um fundamento cultural também não se remete com isso a uma concepção antietnocêntrica, e nem com isso se faz apologia ao etnocentrismo, afinal só enxergamos a realidade por meio de nossos próprios olhos, de nossa formação social e cultural [...] (BONATTI, 2014, p. 52).

Ora, vejamos só, ainda seguindo Bonatti, ao pegarmos emprestado seus escritos à nossa causa, se antes nossa sociedade se digladiava, a partir do pensamento de Vattimo, era por uma só razão, a do real pecado pretencioso de querermos ser os portadores de verdades absolutas. A isso ele chama de pretensão metafísica a de “termos razão”. Mas a partir do

⁴ Gianni Vattimo é um filósofo italiano contemporâneo. Um dos expoentes do pós-modernismo.

momento que passamos a refutar esta falsa pretensão, aí sim passaremos a entender nossas relações para com o outro. [...] A luta contra as verdades absolutas, que pereceram junto com o Deus-fundamento, e agora são meros fantasmas a nos assombrar, deve ser à base de entendimento com a alteridade, o que significa que devemos ter em comum o exercício da caridade (Bonatti, 2014, p. 53)

Ao nos enveredarmos no campo da fé, como entender o atributo do sentido da caridade, da alteridade? Vivemos numa sociedade da informação. Somos diuturnamente bombardeados por inúmeras informações de inúmeras localidades globais, temos à nossa disposição uma infinita possibilidade de conhecimentos. Mas algo sempre nos falta. São tantas as inquietudes existenciais da humanidade para a reflexão abstrata humana poder dar conta. E é aí que a religião compete um caráter essencial à humanidade. Pois é nela que o homem se desvela como um ser aberto ao transcendente (Miranda, 2001). E é pelo transcender que podemos perceber o outro verdadeiramente.

“Nós chegamos aqui e procuramos saber em que poderíamos ser úteis. Perguntei a um dos bombeiros se eles lavavam a roupa que chegava cheia de lama. Ele disse que usava sempre a mesma. Na hora a gente se mobilizou para montar uma lavanderia”, disse o pastor Márcio Santos, diretor da Convenção Batista Mineira (PIMENTEL, 2019, G1, Caderno G1 Minas, n.p).

No trecho acima podemos perceber o comportamento ético pela preocupação com o outro na fala do pastor Márcio Santos, da igreja Batista. Sua atitude está carregada de alteridade, onde é possível ver no outro a sua própria religiosidade, sua própria transcendência. Esta, segundo Melo é a verdadeira religião:

[...] O caráter ético-religioso da ética, que definimos como religião do outro, mais do que um atributo, é uma modalidade de pensar, o pensamento que pensa o pensamento; é um modo de pensar que é testemunho, um pensar Deus a partir da relação com o próximo. A ética da alteridade que Levinas proclama como evento da transcendência, é a verdadeira religião. A religião do outro homem não é senão a manifestação mais sublime da acolhida do outro, do seu mistério, do seu vestígio. A religião do outro é anterioridade metafísica, é discurso, é linguagem, é testemunho, é substituição, responsabilidade [...] (MELO *apud* Levinas, 2003, p. 275).

Houve – e há também – iniciativas de várias igrejas que chegaram a se unir em prol de Brumadinho. Assim como também, pessoas que não identificaram suas religiões, seus credos, mas todos comungavam da mesma atitude alicerçada pela alteridade. Esta união, podemos denominar, de certa forma, ser oriunda de um diálogo inter-religioso que “está servindo para amenizar o sofrimento da população e reforçar o papel social dessas instituições” (Filho, 2019, Gospelmais, Caderno Missões, n.p).

[...] a cooperação religiosa em favor da vida e da paz, de um mundo mais humano e justo, apresenta-se como uma forma privilegiada de diálogo inter-religioso. Para muitos líderes religiosos da atualidade, o que as religiões têm a oferecer ao mundo é

justamente um testemunho de compaixão ativa e de cuidado para com os outros, como os pobres e a natureza [...] (GUIMARÃES, 2004, p. 56).

A alteridade quer seja abstraída a partir de uma ótica ateia, psicológica, filosófica ou religiosa, quer seja por quaisquer outras, é capaz também de conferir dignidade a injustiçados. Em Brumadinho, quem a pratica verdadeiramente consegue ver no outro a extensão de si, o sentido do transcender e assim, literalmente lhes estender uma mão por sobre a “lama”.

Considerações finais

Neste estudo, nos propusemos ir em busca da compreensão do papel, da missão social da Igreja perante os problemas socioambientais vivenciados na cidade de Brumadinho – MG, bem como uma percepção do seu valor, em meio ao cenário doloroso pós-rompimento da barragem. Vemos que nossa incógnita fora respondida e nossos objetivos alcançados, uma vez que a partir de nossas discussões, alicerçadas por teóricos e documentos, não se concebe uma Igreja que não prima pelo desvelo social, pela promoção humana e como imitadora de Cristo Jesus, sua predileção pelos pobres, injustiçados e desvalidos, que sucumbem em meio ao sistema avassalador capitalista. Este mesmo sistema que de alguma forma é copartícipe do cenário caótico submerso em “lamas” naquela cidade.

Pela Igreja, os excluídos e desafortunados podem “gritar”. Portanto, cabe à Igreja também o papel de promotora de uma conscientização político-social e ambiental. Esta Igreja, com toda sua força de expressão emancipatória, é a mesma em Brumadinho, que se une a tantas outras denominações ideológicas, as quais transcendem de si e vê no outro, a partir da alteridade, sua verdadeira religião, deixando por sobre as marcas do desespero e da dor, a certeza de que juntos, somos mais fortes.

Referências

ALVES, Alaôr Caffé. Sustentabilidade expandida: crítica social dos limites do direito, da ética e do estado e reflexos na política do meio ambiente. *In: JR, Arlindo Philippi; et al. Direito Ambiental e sustentabilidade*. Tamboré: Manole, Edição digital, 2016. Disponível em < <https://books.google.com.br/> >. Acessado em 06 de março de 2019.

BERRÍOS, Manuel Rolando. Reflexões sobre o consumo e o consumismo. *In: CORTEZ, Ana Tereza Caceres; ORTIGOZA, Sílvia Aparecida Guarnieri. Consumo sustentável: conflitos entre necessidade e desperdício*. São Paulo: UNESP, 2007.

BÍBLIA. Português. *Bíblia Sagrada Ave-Maria*, 36. ed. São Paulo: Editora Ave Maria, 2002.

BONATTI, Claudio. *O ressurgimento do cristianismo na morte de Deus em Gianni Vattimo*. Filogênese. Revista Eletrônica de Pesquisa na Graduação em Filosofia. Universidade Estadual Paulista. Vol. 7, nº 2, 2014.

CABRAL, Alexandre Marques. *Nihilismo e hierofania: uma abordagem a partir do confronto entre Nietzsche, Heidegger e a tradição cristã: Nietzsche, cristianismo e o Deus não cristão*. 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X: Faperj, 2014.

Declaração Universal dos Direitos Humanos. 1948. Disponível em < https://www.ohchr.org/EN/UDHR/Documents/UDHR_Translations/por.pdf>. Acessado em 06 de março de 2019.

FILHO, Will R. *Igrejas unem forças para ajudar vítimas da tragédia em Brumadinho – BH*. Fevereiro de 2019. Disponível em < <https://noticias.gospelmais.com.br/igrejas-unem-ajudar-vitimas-brumadinho-107155.html>>. Acessado em 07 de março de 2019.

GERA, Lucio. Fundamentaciones teológicas de la acción por la justicia y la paz. Apud CAMPOS, Bernardo. *Da reforma protestante à pentecostalidade da igreja (tradução de Walter Altmann)*. São Leopoldo: Sinodal: Quito: CLAI, 2002.

GIESE, Nilton. *O papel das igrejas em situações de catástrofe*. Por Nilton Giese. 11 de fevereiro de 2019. Disponível em < <https://www.conic.org.br/portal/noticias/2965-o-papel-das-igrejas-em-situacoes-de-catastrofe-por-nilton-giese>>. Acessado em 07 de março de 2019.

GONZAGA, Polyana. *A igreja não pode calar sua voz profética, diz bispo sobre tragédia em Brumadinho*. 31 de janeiro de 2019. Disponível em < <https://www.a12.com/redacaoa12/igreja/a-igreja-nao-pode-calar-sua-voz-profetica-diz-bispo-sobre-tragedia-em-brumadinho>>. Acessado em 07 de março de 2019.

GUIMARÃES, Marcelo Rezende. *Um novo mundo é possível. Dez boas razões para educar para a paz, praticar a tolerância, promover o diálogo inter-religioso, ser solidário e promover os direitos humanos*. São Leopoldo: Sinodal, 2004.

LIBANIO, João Batista. *Teologia da Libertação: roteiro didático para um estudo*. São Paulo: Loyola, 1987.

MENONÇA, Heloísa; NOVAES, Marina. *Barragem da Vale rompe em Brumadinho e causa novo desastre ambiental em MG*. São Paulo, 26 de janeiro de 2019. Disponível em < https://brasil.elpais.com/brasil/2019/01/25/politica/1548431899_158139.html>. Acessado em 07 de março de 2019.

MELO, Nélio Vieira de. *A ética da alteridade em Emmanuel Levinas*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

MIRANDA, Mário de França. *Inculturação da fé: uma abordagem teológica*. São Paulo: Loyola, 2001.

PAULO VI. *Evangelii Nuntiandi*. n. 31. 1975. Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/paul-vi/pt/apost_exhortations/documents/hf_p-vi_exh_19751208_evangelii-nuntiandi.html>. Acessado em 06 de março de 2019.

PIMENTEL, Thaís. *Voluntários lavam dia e noite trajes usados por bombeiros nas buscas em Brumadinho*. Belo Horizonte, 31 de janeiro de 2019. Disponível em<<https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2019/01/31/voluntarios-lavam-dia-e-noite-trajes-usados-por-bombeiros-nas-buscas-em-brumadinho.ghtml>>. Acessado em 07 de março de 2019.

VERGOTE, Antoine. Necessidade e desejo da religião na ótica da psicologia. *In*: VERGOTE, Antoine; *et al.* *Entre necessidade e desejo: diálogos da psicologia com a religião*. São Paulo: Loyola, 2001.